

Prologo

Este pequeno trabalho do meu saudoso pai não tem  
pretensões algumas a ser incluído na arte poética  
pois é distinto das normas tradicionais da poesia  
clássica ou académica. Este conjunto de quadros é um  
modo vulgar e anedótico de apresentar os alcunhos da  
nossa terra destas ultimas quatro décadas. É um trabalho  
original que a pesquisa de alcunhos e para com eles cons-  
titui uma verdadeira revolução alguma trabalho e paci-  
ência. É com muito prazer que ofereço a geração actual e  
posterior esta modesta e simples obra. Foi a vossa generosa  
solidade perdão algum erro que nela possam encontrar.

... não tem pretensões  
... tuido das normas  
... e anedótico de a-  
... metro décadas.  
... lcuinhas e para com  
... o e paciência.  
... actual e posterio  
... que nela possam

Obrigado

Nisa 27/5/1982

Aníbal Bernardes P. Goulão

44 pag. 11 fol.

Nisa, 27.5.1982

as) Aníbal Bernardes P. Goulão

1º

em tempos houve um Piólho  
avante dum Brananá  
criando as lagrimas do olho  
na tua morada Caciu

----- alcunhas

2º

Saiu de casa o Arranhado  
e um gato q' unhas não tinha = (gato sem unhas)  
o Polio que dormia à esquerda  
cordeiro com o Bibigo ao lado

início de duas quadras para substituir:  
a primeira referente à quarta quadra 1º página  
a segunda " " 10 " " 2º " "

lão tem pretensões  
cuido das normas  
anedótico de a-  
quatro décadas.  
alcunhas e para com  
o e paciência.  
actual e postero

Segue mais uma quadra para apontar mais tres  
alcunhas:

Anda sempre embriagado  
e falava no carrofiço  
quando chega a mat. Casado  
na batatas com chouriço

que nela possam

Nisa, 27.5.1982

as) Aníbal Bernardes P. Goulão

PRÓLOGO

Este pequeno trabalho do meu saudoso pai não tem pretensões algumas a ser incluído na arte poética, pois é destituído das normas clássica ou académica.

Este conjunto de quadras é um modo vulgar e anedótico de apresentar os alcunhas da nossa terra destas últimas quatro décadas.

É um trabalho original que a pesquisa de alcunhas e para com elas constituir uma versalhada, revelam algum trabalho e paciência.

É com muito prazer que ofereço às gerações actual e posteriores, esta modesta e simples obra.

Que a vossa generosidade, perdõe algum erro que nela possam encontrar.

Obrigado!

Nisa, 27.5.1982

as) Aníbal Bernardes P. Goulão

- A L C U N H A S -

Reparaes oh filhos d'Eva,  
Que, por pai, tivesteis Adão;  
Quantos são os alcunhas que leva,  
Tão estranha coleção.

Forrae-vos de paciência,  
P'r'a ler, toda de uma vêz;  
São 400 e tal alcunhas,  
Ficaram-m'a doer as unhas,  
A fazel-a, levei quas'um mês.

São versos de pé quebrado,  
Sem sciencia, por mim feitos;  
Não reparem, pois, nos defeitos,  
Ahi os tendes; são assim:

Em tempos houve um PIOLHO,  
Parente dum BANANÁU;  
Corriam-lhe as lágrimas do ôlho,  
Por ter morrido o CACÁU.

Conheceram, por acaso, o PICO'ÓOSSO  
O BOLO GRANDE e o ARRANHADO;  
Eram primos do BICO DE CHÔÇO,  
Do PAZÉLA, CARA D'ANJO e do SCAMADO.

Conheceram ou não a CHIRRÊTA,  
O SPAROUVA, ALFACINHA e o RAPUM?  
Quem não conheceu o VIOLÊTA,  
O PALHÊTA, o MINAS e BAGD'UM?

Péza-se o arroz na BALANÇA,  
Tem 2 bois o ARREIGÓTA;  
Já foi actor o SUSTANÇA,  
É pregoeiro o BIÓTA.

Desapareceu o CABEÇUDO e o ABIM,  
O CUJO, ZÉ DO CAFÉ e BEICINHA;  
Já lá vae o BATATINHA,  
Por ond'andaré o MATA ã MIM?

Já morreu o RÉ-QUE-TÉ-TÉ,  
Parente do GARGANEIRA;  
Do GRAZINA, FÉRRÁ-BRAZ e PARTEIRA,  
Do IRRA, BARBÁÇA e CAPILÉ.

Nenhum d'elles faltou, porém,  
Não poude vir o PARENTE;  
E depois de vir tod'esta gente,  
Ainda veiu o VESTE-BEM.

Já lá vae o BATEIRADA,  
Vizinho da CHITA-RATONA;  
Oigo fallar tambem n'um FONA,  
Compadre do ZÉ PESCADA.

Ouvi contar ao BALLELO,  
Que havia ca um RESTÓLHO;  
Um BAJANJA e um MIRA-OLHO,  
E, (no Pe da Serra) um FARELLO.

Ainda conheci um PELOTA,  
Um RANISCA e um BALHÃO;  
Havia também uma BOTA,  
Que era vizinha do BUGALHÃO.

Tambem havia um PIÇARRINHA,  
Qu'às vezes, era marôto;  
Eram seus visinhos um tal PICHOTO,  
O SÔPA, o CONDEÇA e CARACINHA.

Houve, ainda, o LAGANHOSINHO,  
Um CARAPAU, Um PERRICE, Um INQUELHÓ;  
Ainda é vivo o ZÉ DA FILHÓ,  
Faltam já: CHARNÉCO e CIGANINHO.

Dizem que não, mas há muitas CEBOLAS,  
Muito BICHO, GATAS BRAVAS etc e tal..  
Até temos um LOBO CERVAL,  
Vários RATOS, RATAS e RÓLLAS.

Há PADRECAS, FREIRAS, FRADINHOS,  
ANGINHOS com CRUZ e muita GRAÇA;  
Morreu o CACHOLA e POUCCOCHINHOS,  
Um MOSQUITO, um CACHEIRO e um DERRÁÇA.

Veiu, ha dias, n'um jornal,  
Um caso que se deu com o RAMBOIA;  
Queriam dar uma sóva ao PARDAL,  
Livrou-o, d'isso, o BELLA-BOIA.

P'ra molhar a sopa veiu o PEITAÇA,  
O MELANCIA, SAPICO e PAPA-SARRÃO;  
O CANUDO, e a PERNA DE S. JOÃO  
E ainda o FALÚA e o BARBAÇA.

Fartos de tanta lambada,  
Foram pedir ao CORRINHA,  
Que chamasse o ZÉ TORRINHA,  
Ou então... o CARN' ASSÁDA.

A gente que passa é sempre a mesma,  
Lá vai passando, agora;  
O homem do pão, o VIGORA,  
Que anda menos q'uma LÊSMA.

Pássa o RUSSO e a TENDEIRA,  
O ZABÚMBA e o SALSINHA;  
Já passou o FAQUINHA,  
Está ja passada a PASSEIRA.

Há no mar, PESCADINHAS,  
Nos quarteis há GALUCHOS;  
Pendurados estão os BUCHOS,  
Mora no Outeiro o PERNADINHAS.

Oh Côrte das Areias,  
Aonde viveu Adão Dinis;  
Que fizesteis a essas CANDEIAS,  
Que davam luz ao infeliz?

Tudo se Tróca n'esta terra,  
Onde está mui caro o PAINHO;  
Sahiu DÓCE, todo o vinho,  
Vai acabado o TOUCINHO.

Canta a coruja na Igreja,  
Pia o MÓCHO nos Outeiros;  
Assobia, às CABRAS, o PELÊJA,  
Espreitam o sol os RASTEIROS.

Quando, às vezes, ao Sol-Pôsto,  
Estou encostado à janella,  
Vejo passar o PASSO-LARGO,  
O PERDIDO e o BERINGELA.

Vejo todos, e ha quem veja,  
Quasi todos aos SALTINHOS;  
Vem de fóra a bôa CERÊJA,  
Estamos na terra dos COPINHOS.

Vê-se o SARUGA e o PAISANA,  
O CAVALÊTE e o CARTAXO;  
E, quando cá está, o MAMARRÁCHO,  
À conversa com a FEIJANA.

Conversou com FALAGÃO,  
Com CAGAITAS e BALÔNAS;  
Consultou BRUXAS, em vão,  
E abalou c'o a CARRÔNHAS.

Andou por ahi, às VOLTINHAS,  
Ao MAJOR cumprimentou;  
Não encontrando o DORMITÓRIO,  
Subiu às ALTURAS, voou.

Saiu de casa ARRANHADO,  
Por um gato qu'unhas não tinha;  
O PALÚA que dormia à esquina,  
Acordou com o BEIBIÇO ao lado.

O GALLINHA compra PÉLES,  
De COELHO, e bem as paga;  
Mandou algumas ao RÉLES,  
Comprou outras ao ESTRAGA.

Não ha sóla, mas ha sapatos,  
NÃO ha assucar, mas ha bolinhos;  
Ha CEBOLAS, porém, poucas  
Que seria de nos, sem bons vizinhos?!

Comendo um BÓLO-GRANDE,  
E dentro d'uma JANGADA,  
Vai, entr'outros, o ZE LINDO,  
Preparando limonada.

Lembram-se ainda do BAFORÃO,  
Do GANILHAS e da BALHÔA,  
Do RAPU e da COTÓA,  
Do MOSQUITO e TUMBARÃO?

Houve tambem um MATA-LOBOS,  
TOMBA-LOBOS tambem ha um;  
Toda a gente tem alcunha,  
Tambem eu terei algum.

Não vos peço perdão por isto,  
Pois é tudo brincadeira;  
Valha-me a M<sup>ã</sup>PRIMEIRA,  
Valha-me N. S. J. Christo.

Ha COELHOS, ha GALLINHAS,  
Ha BEATOS e CIGANOS;  
Ha BOTAS, ha BÓLINHAS  
Ha PANEIROS a vender pânos.

Esteve cá o MENINO SANTO,  
Veiu visitar o ROLLINHO;  
Encontrou, , em grande pranto,  
O SAPATÊTA, no caminho.

Fez visitas, botou discurso,  
Foi às FONTES, provou o vinho;  
Mas fez figura d'urso,  
Ao ouvir o PELLADINHO.

Ainda um dia hei-de sabêr,  
Hei-de sabê-lo, qualquer dia;  
Onde móra o AMINTOLIA,  
Fazem favor de m'o dizer?

Muita agua tem chovido,  
Já a BARROCA-VELHA transborda;  
Vae lá pescar o POLIDO,  
Cóme o peixe, o TALABORDA.

PÃO-COM-OVO, faz bom peito,  
Com rodélas de bom CHOURIÇO,  
Não ha MULA sem defeito,  
Nem cachópa sem derricko.

É adágio dos antigos,  
Quem não deve, não teme nada;  
Sahem falsos, certos amigos,  
Dá vontada de lhes dar lambada.

Apanhei na ribeira uma rã,  
Trazia um Kágado, na bôca;  
Fiz presente da rã à TÓCA,  
Dei o KÁGADO ao ZÉ LÃ.

N'uma gaiola cantando estava  
Um PINTASILGO BALSEIRO;  
Veiu, de repente um RATINHO,  
Meteu-o logo no pandeiro.

Foi à CARQUEIJA o PERNICA,  
Com um CARNEIRO DA SEMENTE;  
Não foi com elles, por estar doente,  
O SEBASTIÃO ou DÓMINICA.

Vendem-se por ahí, PASSINHAS,  
Umás d'uvas, outras d' AMEIXA;  
Vende-se, em Junho o bom ABRUNHO,  
Tudo céro e ninguem se queixa,

Prende-se o relógio à CORRENTE,  
Chama-se ao MACACO - BUGÍO;  
Julga-se, forte, certa gente,  
Sendo a vida um simples fio.

Dá CAMBALHÓTAS o FAZ-TUDO,  
Dá pulinhos o CARAÇINHA;  
Como o SEBASTIÃO, tudo, tudo,  
E nada dá ao MACAQUINHA.

Anda sempre embriagado,  
O FALUA e o CARRAPIÇO;  
Quando chega o MAL-CASADO,  
Há batatascom chouriço.

Comam fructas, diz um cartáz,  
Pois tem muita vitamina;  
Venha cá oh menina,  
Ajude a viver cá o rapaz.

Arde o verde pelo sêco,  
Disse, em verso, certo POETA,  
Mostrou, n'isso, não ser pêco,  
Ha quem seja mais patéta.

Vi n'um CESTO DE COSTURA,  
Um agulheiro cheio d' agulhas;  
Ha meninos que parecem bons,  
Sendo, às vezes, uns grandes pulhas.

Já Lá vão as Endoenças,  
Findou de Christo, a Paixão;  
Vae haver muitas doenças,  
Por haver (pr'alguns) tão pouco pão.

Não ha farinha triga,  
Anda o centeio e o milho à mistura;  
So de maldade ha fartura,  
E tambem de vil intriga.

Vae a pobreza ao SARAMAGO,  
Pr'à fome não morrer;  
Nas lojas tudo é bem pago,  
E ninguem fica a dever.

Do leite se faz requeijão,  
E vinagre do azêdo ENGAÇO;  
Quem não trabalha é MADRAÇO,  
Quem mais rouba, não é LADRÃO.

Coze Couves, a cozinheira,  
E tambem frita a CEBOLINHA;  
Dá bolóta a AZINHEIRA,  
Malha o pão o NANTINHA.

Quem não vê é CÉGUINHO,  
Ninguem ha que 3 PERNAS tenha;  
Já não faz falta a réles senha,  
Qu' era preciso pr'o TOUCINHO.

Dá a PARREIRA o dôce mosto,  
Que se vende caro e concentrado;  
Larga-se o trabalho sem ser Sol-Posto,  
Anda tudo controlado.

Ha pr' ahí tanta riqueza,  
Já os ricos não teem conto;  
E, como o pobre não tem defêza,  
Ou morre à fome ou da em tonto.

Anda, a monte, o FELOSO,  
A ver d'elle anda o SILÉ;  
Foi com elle o MANHOSO,  
Qu' é freguez do CALHABRÉ.

Já não se acendem candeias,  
Ha outra vez, cães pelas ruas;  
Pr'e tudo ha sempre feiras,  
Andam as mulheres quasi nuas.

Petroleo, arroz e SABÃO,  
Só se apanham, de mêz a mêz,  
Não ha vergonha nem macarrão,  
Ja vae faltando, tambem, o péz.

Ouvi dizer ao BISNICA,  
Qu' ia faltar o carvão;  
Temos, à certa, questão,  
Entre o MAÇARÓCA e o LABITA.

Se vier a dar-se essa questão,  
Terá que vir mais polícia;  
E com a ajuda do Melícia,  
Vão parar ao cagarrão.

Maria vae com a mais,  
Como dizia o PAPA-SANTOS;  
Os maus por ahí são tantos,  
Parecem bandos de PARDAES.

É mui dôce e saborosa,  
Quando bem feita, a AGUARDENTE;  
E tambem a ÁGUA-MEL;  
Assim o dizia a BABOSA,  
Muito em segredo ao seu Manel.

Ha pr'ahi massas a rôdo,  
Tanto minerio se tem extrahido;  
Pr'alguns tem sido um bôdo,  
Ai Portugal, qu' estás perdido!!!

Faz-se do CAPACÊTE uma festa,  
Também se faz a da flôr;  
Dá BRANCA flôr a GIESTA,  
Festeja-se, sabe Deus, como, o Amor.

De PIC-PIC se fazem bons fatos,  
De CANINHAS se fazem as rôcas;  
Usam os velhos, elasticos nas botas,  
E as môças, exquisitos sapatos.

Falta o tabaco e só a custo,  
S' apanh' uma oncinha;  
Passou da moda o FATO-JUSTO,  
Gran Mestre na pôda da vinha.

Não se apanh'uma onça,  
Das que custam pouco dinheiro;  
Acostomou-se o pôvo ao caro,  
Só é bom o que é estrangeiro.

Quando morreu o célebre PONTA,  
Rezou-lhe, por alma, o ARRÁCHA;  
Ajudou à missa o MINGÁCHA,  
E espera o padre pela conte.

Vae ser um caso serio,  
Espera-se, por isso, forte lambada;  
Por causa do vil minerio,  
Ha muita gente encravada.

Disse, ha dias, o MANÉ DAS TORRÁDAS,  
Qu' em Niza corria um boáto;  
Que quasi tudo é REALISTA,  
Só era republicano, o LOBATO.

Ha porahi muita fominha,  
Ha gente que nada come;  
Com um RABINHO DE SARDINHA,  
Certa gente mata a fome.

O POUQUITO e o CAIXADO,  
Andam sempre na rua;  
Gostam ambos d' abafado,  
Mas só o bebem quando ha LUA.

Já me vão doendo as unhas,  
De tanto escrevinhar;  
Faltam ainda tantos alcunhas!!!  
D' alguns mais m'irei lembrar.

Não se zangue ninguem comigo,  
Não fiquem comigo a mal;  
Nem tudo é verdade, o que digo,  
E que disse eu, de vós, afinal?

C'o a ESPINGARDA se mata o PISCO,  
C'o a FAQUINHA se parte o queijo;  
Não se pode pescar sem isco,  
As escondidas se dá um beijo.

Anda nos jornaes um anuncio,  
Mas não é no "Dº. de Noticias";  
Chegaram a Niza, uns policias,  
Pr'a prender o ABRENUNCIO.

DESPENDURA O PORCO, oh DEGREDADO,  
Não julgues qu' isto é chalaça;  
Por causa d'um certo emporegado,  
Bastante sofreu a GALÁXA.

Não conheceram o ZINGANITA,  
O NO, o TÓ e o TANGANHO;  
Q' outro dia apanhou um banho,  
E uma sóva do LANITA.

Veu d'Alpalhão o SENTENÇAS,  
O MONTANCHA e o CALQUINHAS;  
Ha pr' ahi tantas doenças,  
O que será das creancinhas!!!

Ja não aparece SARAGÔÇA,  
Esta proibida a agua-pe;  
Vae a viola pr'a gente moça,  
Mal está quem não tem fé.

Já morreu o J. VELHINHO,  
Que tocava bem guitarra;  
Tambem morreu o VALERINHO,  
Nada consegue quem não s'agarra.

Ainda ahi anda o FORMIGUINHA,  
Que só gostava do figo INCHÁDO;  
Apojado à bengalinha,  
Está quasi cégo, coitado.

Ha por ahi muito VENENO,  
Até BARBAS ha, d' essa gente;  
Anda o lavrador pouco contente,  
Por haver, est' ano, pouco fêno.

Passei por um MONTEZINHO,  
Vinha à Villa comprar rêlhas;  
Trazia no braço um SAQUINHO,  
Com meia duzia de queijos d' ovelhas.

Só n'uma casa "MIL HOMENS" ha,  
Não comem GALUCHOS, PASTÊIS;  
É bom artista o PADÁ,  
Acabaram já os CINCO RÉIS.

Ha muita cachopa BONITA,  
Nas RELVAS poisou o PACAU;  
REBENTA-CALÇÕES o CATITA,  
Jogou o bilhar, o PICÁU.

Como toda a gente costuma ter férias,  
Também eu agora as quis ter;  
Oçam lá mais umas LÉRIAS,  
Nada ficará por vos dizer.

São, talvez, já uns 300,  
Quási metade da coleção;  
Mas d'aqui por uns momentos,  
Continuarei esta função.

Ahí vão já: o CANANÃO e PASTELINHO,  
O VEREDAS e BUGALHÃO;  
O BUFA-FINA e o PATRÃO,  
O CANHOTO e VERMELHINHO.

Trata-se um HESPANHOL por tu,  
PAPA-AZEITE o MA/SCULINO;  
Guarda-se a roupa n'um BAHÚ,  
MARRA-MANSO o ZÉ MENINO.

Campeia, livremente, o debóche,  
Todos teem PENA DA MORTE;  
Ha por ahí muito FANTÓCHE,  
E alguns com muita sórte.

Quando haverá pão a pataco,  
Como apregoou o BANDÁRRA,  
Quando quererá o ZÉ MACACO,  
Fazer as pazes com o BARRA?

Ha em Niza muito DOUTOR,  
Mas só houve um de CAPÊLLO;  
Por aos estudos não ter amôr,  
Não se formou o MA-CABELLO.

Mal vae a quem não tem manha,  
Pr'a se livrar d' intrugisses;  
Dos q' untam o cabêllo com BANHA,  
E que não merecem meiguices.

Ha muito bôlo, muita queijada,  
Muito ovo se gastou;  
Foi muita forneira multada,  
Pelo grã crime que praticou.

Traz-nos, em pé, a comida.  
Pouco mais nos é já preciso;  
Que bem se levaria a vida,  
Com mais saúde, dinheiro e juizo!?

Se o PADRE SANTO soubéra,  
O gostinho que tem o fado,  
Iria buscar a Sevéra,  
Pr'a ter uma hora a seu lado.

Foi uma FATISTA de fama,  
Que o diga a fidalguia;  
Por esses viélas d' Alfama,  
Bairro Alto e Mouraria.

A Mª DE TRÁZ meteu na CAIXA,  
O SEROL que s' agarra ao dente;  
Achou-lh'a CÊPA-BARÁCHA,  
Viu-se parvo com ell'o PÉ QUENTE.

Queixou-se em seguida o CONIXA,  
N' uma manhã de MARZIA;  
Armou o MÁ-TRIPA tal rixa,  
Só morreu quem mal não fazia.

Apanhou o GUITAS, do CÔCO,  
Ficou-se rindo o PÃO-DE-MILHO;  
Ficou, cheio de sangue o BARRÔCO,  
Viu-se o PINGA-FRESCA n' um sarilho.

Entrou na rixa um DENTANA,  
Que gostava de PAPAS-QUENTES;  
Só foi pr'ó hospital o FATANA,  
Ficaram, os mais, todos doentes.

Com MAU TEMPO veiu o LATÃO,  
Que fugiu ao ouvir uma bomba;  
Se não lhe acóde o CALHABAMBA,  
Que seria do BAÍGA e do ZANGÃO!!!

O ESDRUBA que não é de ferro,  
E o PICHINHA que não é guloso,  
Foram depois dar parte ao CHINFÉRO,  
Que passa por ser MENTIROSO.

Bálla o meigo cordeirinho,  
De sua mãe já apartado;  
Vae ser feito d' afogadinho,  
Ou morrerá, no forno, assado.

Com 7 SERRILHAS no queixo,  
Andam bêstas pr' ahí aos coices;  
Jogam os miudos ao eixo,  
Ceifa-se o RESTÓLHO com foices.

Quem será um LEOPARDO,  
De quem tomei também nota?  
Querem ver que é um JANÓTA,  
Que usa sempre um fato párdó?

E quem vem a ser um TORRINHA  
Que tem OLHO DE GORÁZ?  
E uma que CONTAS-FÁZ  
Ou antes, que já as fez, coitada?

Ouvem-se de noite uns urros,  
Que parece serem de TOURA;  
Não ha éguas filhas de burros,  
Criam-se os COELHOS na LOURA.

Tenho os miolos em agua feitos,  
Não tenho de FERRO A CABEÇA;  
Mas, ainda que não o pareça,  
Ando illudido com certos sujeitos.

Chorae, pois, fadistas, chorae,  
Que chorando, se alivia, às vezes;  
Lembrae-vos que sois Portuguezes,  
E tudo que passou já lá vae,

Já passa de 300 e tal  
O numero de vossos alcunhas,  
Lá vão mais dois: o GADUNHAS,  
Sobrinho do VERTICAL.

N' uma vara de suinos,  
Ia um PORCO QUE NÃO TINHA RÁBO;  
A toda a hora se ouvem os sinos,  
Todo o inverno secomeu NABO.

Ha quem tenha OLHO DE NIQUEL,  
E quem acenda o FÓSFORO que ri;  
Ha gente de genio TERRIVEL,  
Tão má como eu nunca vi.

Já foi BUFO, hoje não é Agente,  
Da Polícia Cívica chamada;  
Tudo isto é uma cégada,  
And' enganada muita gente.

Fallou-se pr' ahi n' umas listas,  
Sem serem as das Pensões  
Onde se comia por 10 tostões  
Antes de haver vigaristas.

É a terra dos pregões,  
Já aborrecem, é de noite, é de dia!  
Que se faz hoje com 10 tostões  
Tudo tão caro, e ninguém pia!!!

Como é prohibido piar,  
Andam todos caladinhos;  
Só deixarei eu de falar,  
Quando me levarem pr'ós Anginhos.

Anda tudo n'um rodizio,  
Ninguém se confessa ao PRIOR;  
Diverte-se, à grande, o Dionísio,  
Quer haja frio ou calor.

O REGEMIA e a BÁLSÁ, coitados,  
Que, como todos, tem defeitos;  
Dormem no campo, e sem leitões,  
Sem lençoes e sem cuidados.

Vão os alcunhas acabados,  
Já vão custando a achar;  
Terei, pois, que terminar,  
Os que ha, já estão contados.

A TRONCHA mais o COMARCA,  
Gostavam muito de pão de ló;  
Come-se pr' ahi muita cárpa,  
Ninguém dos pobres tem dó.

De nada vale a nobreza,  
Está a realzeza acabada;  
A par de tanta riqueza,  
Ha a pobreza envergonhada.

Andam, alguns, de mãos no ar,  
Devendo trazel-as pelo chão;  
Faltou-lhes o chá em pequeno,  
Faz-lhes mal, agora, o grão.

Nada pago, pois nada devo,  
Estou em dia com toda a gente;  
Tem sido a honra, o meu enlêvo,  
Tudo o mais é-m' indiferente.

Não sabe bem uma empada,  
Se não levar mangerôna;  
Não se póde dizer nada,  
Sem a ameaça da papôna.

Ha um artista que é DOUTOR,  
Sem a Coimbra nunca ter ido;  
Quando lhe falam em Amor,  
Logo diz: Ai filhas q'estou perdido!!!

Não tem esta, uma defêza,  
De nada lhe vale o minério;  
É modo, agora, chamar Império,  
À República Portuguesa.

Porém, uma ESPERANÇA, ainda temos,  
Quando, um dia, isto mudar;  
Não veremos certas coisas que vemos,  
E que temos d' ouvir, sem bufar.

Quem tem figueiras, tem figos,  
Quem não trabalha, dizem: é mandrião;  
Se ha dinheiro, ha amigos,  
De Peniche, alguns, o são.

Anda o proprietário assustado,  
Por causa d'um certo escr'avelho;  
Vou passar a estar calado,  
Não quero n'isto meter o bedêlho.

Foi coveiro o BADANÉLA,  
Que enterrou muita gente;  
Foi forneiro um tal SOVÉLA,  
Que não gostava de pão quente.

Não me chamem maldizente,  
Pois digo aqui muita verdade;  
Dil-o por ahi muita gente,  
Que, de dizer mais, tem vontade.

Muita PACIÊNCIA é preciso,  
Pr'a ser diferente de um CAMÕES;  
Muito custa fazer versos,  
Quando chove e ha trovões.

O CARRAJÓLA e o BÁGINA  
Foram a uma patuscada  
Pr'a provar a bôa pinga  
Foi convidado o RATA PELLÁDA.

Esgotaram o GARRAFÃO.  
E um d'elles ficou tão borrácho,  
Que foi preciso vir o PARRÁCHO,  
Que dizem ser d' Alpalhão.

Andam muitas coisas mudadas,  
Como se tem observado;  
Mas ... d'as taes HORAS MINGUADAS,  
É que é d'agente ficar pasmado.

Se isto passa a ser uso,  
O que virá a dar-se, não sei;  
É urgente acabar com tal abuso,  
Pr'a que um e outro, não façam lei.

Já se vai ouvindo a POUPA,  
D'aqui a pouco se ouve a ROLLINHA;  
Já se pode lavar bem a roupa,  
Pode a gente andar limpinha.

Já da honra se faz comercio,  
Como se fosse artigo de tenda;  
Pr'a sustentar vaidade e luxo,  
Muita femea ha que se venda.

Pedia, d'antes, o pobre ao ricaço,  
Hoje o contrário d'isto succede;  
Vê-se isto a cada passo,  
É o rico que ao pobre pede.

Parece estar agora na móda,  
Pr'a qualquer coisa pedinchar;  
Se lhes sahisse a sôrte grande,  
Ninguem os podia aturar.

Pede-se pr'ó CAPACETE,  
E pr'a festa da Flôr;  
Pr'os tuberculosos e Cancerosos,  
E sempre se dá, sem clamar.

Pr'a tudo ha subscrições,  
Pr'o Hospital, pr'a Cruzada;  
Pr'os Padres das Missões,  
E pr'a outros que não dão nada.

Nem por haver tanta massa,  
Chega o direiro pr'a certa gente;  
Acuda-se primeiro à desgraça,  
Olhem pr'ó pobre, pr'ó indigente.

É vergonhoso e desconsóla,  
Encheram-se, as ruas, de pobres;  
De mão estendida, a pedir esmola,  
Esperando receber uns magros cóbres.

Não sei qual seria a razão,  
D'acabar, (segundo ouvi) a sopa dos pobres,  
Acabar-se-hiam, ao rico, os cóbres?  
Porque foi, pois, não m'o dirão?

Anda, bem ao contrário, o paladar,  
Mostrando um gosto bem depravado;  
Mas isto tem que acabar,  
Quando alguém ficar escaldado.

Não quero, com isto, dar lições,  
D'essa coisa que não existe, a moral;  
É por esta e outras razões,  
Que dizem que eu, de tudo, digo mal.

Estão-se vendo descobertas,  
Qu' é da gente ficar pasmado;  
Ha pessoas que são tão espertas  
Que trazem o mundo enjoado.

Coube a vez, agora, ao quinino,  
Sintético, lhe chamem, agora  
Quem o descobriu, já se vê, é tipo fino,  
Pois que venha, em boa hora.

Não pegou a enxertia,  
Do macaco, em gente humana;  
Se pegasse ninguem morria,  
Augmentaria a caravana.

Fallou-se muito no Azuêro,  
Precedido de grande fama;  
Foi admirado um tal Canêro,  
Que, sendo colhido, foi pr'a cama.

Não me julguem com pretensões,  
A ter piada com'o Bocage;  
Nem tão pouco a ser um Camões,  
Ou comparar-me a um Le Ságe.

Desejava sim, ser um Rabelais,  
NÃO invejo um tal Vertot;  
Do valor de Beaumarchais,  
De um Voltaire ou Diderot.

Nenhum egualou La Fontaine ou Molière,  
Nem mesmo o infeliz Chenier;  
Andou-lhe à roda, Chartier,  
Que um beijo levou d'uma mulher.

Mas deixemos o que é estrangeiro,  
Também cá temos, poétas e escriptores;  
Começarei por Junqueiro,  
Que à Igreja sempre fez Guerra,  
Alguns d' elles, não são doutores.

Siga adeante o nosso Fialho,  
Que, nas "Farpas", muito diz;  
NÃO me desmintam, senão eu rálho,  
Julgo-o superior a Júlio Dinis.

Mas não ha (pr'a mim), oh Pae dos Céus,  
Como o d'o Campo de Flôres, o auctor;  
Que em vida foi João de Deus,  
Cujas obras são um primor.

Acacio de Paiva é repentista,  
José Duro foi um doente;  
Forjaz de Sampaio é grande artista,  
Que, ao ler-se, arripiá a gente.

Camillo e Herculano são os ázes,  
Tambem são Garrett e Gil Vicente;  
Que o digam, das Escolas, os rapazes,  
Os seus Mestres e toda a gente.

Muitos outros ainda temos,  
Que não vou agora mencionar;  
Todos nós os conhecemos,  
Quando andámos a estudar.

Em ponto pequenino,  
Tivemos por ex: o BEM-HAJA;  
Muito melhor foi o ROSALINO,  
Que fazia motes a qualquer "gaja".

Nos "Meus Canticos a Deus",  
Usa um estilo arrevesado;  
Mas, comoa todos sucéde, coitado,  
Morreu pobre e despresado.

Por isso, eu bem sei o que m'espéra,  
Quando m'arrefecer o gargantorio;  
Metere-me n'uma galéra,  
E levarem-me da Terra ao Purgatorio.

Póde ser que no outro mundo  
Eu venha a ter melhor sóрте  
Nunca escrevi artigo de fundo  
Quem quizer cortar na caseca, que córte.  
E se lá tiver mais algum tino,  
Tudo é obra do meu destino.

Falta o arroz, falta a massinha,  
É cára e ruim a laranja;  
Mal se passa sem uma canja,  
Nunca fui amigo da pinga.

Acabarem, de róda, as MODINHAS,  
Eram io tempo da M<sup>a</sup>. DA FONTE;  
Não gostamos de certas gracinhas,  
Nem d'a ninguém servir de ponte,

Reinava a M<sup>a</sup>. Segunda,  
Que d'um Fernando era esposa;  
Houve, no pais, tal barafunda,  
Que so escapou uma RAPÓSA.

Vae acabando o bom toucinho,  
Não acabou ainda o café;  
Mas pr'a fazer um licorzinho,  
Não ha assucar pilé.

Não pretendo coisa alguma,  
Todos os pedidos já estão feitos;  
É a consciencia apenas uma,  
Ninguem conhece os seus defeitos.

Nunca soube dar manteiga,  
Nunca a dei nema darei;  
Ainda sei bem o que digo,  
O que os mais pensam é que não sei.

Debaixo do sol que nos alumia,  
Todos nos somos eguaes;  
Ha, apenas, esta diferença:  
Teem, uns, menos, e outros, mais;  
E, pr'a formar a força armada,  
Lá estão os que não teem nada.

Faz-se por ahí CANDONGA à FARTA,  
Rouba, o gatuno, com toda a gana;  
Ajustam-se as contas em St<sup>a</sup>. Marta,  
Quem não paga, vai pr'a châna.

Por dá cá aquela palha,  
Sofrem, alguns, já demais;  
Porém, a multa não falha,  
Não vivem de ar, os fiscaes.

Preso por ter cão,  
Preso por cão não ter;  
Se não houvesse fiscalização,  
Mais nos valia morrer.

Tem a lua 4 quartos,  
de 8 em 8 dias;  
Assiste a PARTEIRA a partos,  
É serviço de todos os dias.

A hora é igual à lua,  
Pois 4 quartos também tem;  
Quem não está bem, vá pr'á rua  
Foi assim que m'o disse alguem.

Ha, em Niza, em bom pedreiro,  
A quem chamam o ROSINHA;  
Tambem temos um ALBARDEIRO,  
Que dizem que adivinha.

Havia cá uma velhóta,  
Conhecida por BÁLHA CRISTINA;  
Vinha pr'á rua em PELÓTA,  
Mas não dançava como a LINA.

Tocava o BOMBO um Joaquim,  
E pratos, um ZÉ QUINTEIRO;  
Não ha papel como o SEM-FIM,  
Já não se ouve tocar pandeiro.

É recoveiro o TACHOULA,  
Tem bom vinagre o FRANQUINHO;  
É meio boticário o MATOULA,  
É meu amigo o JOAQUINZINHO.

Temos à venda um armário,  
Também temos um balseiro;  
Vou vende-lo ao SACLÁRIO,  
É coisa pr'a pouco dinheiro.

Faz o correio o INFANTE,  
Que NEGRITO também se chama;  
Foi o TUINTA um bom estudante,  
Mas não chegou a Niza a sua fama.

Quando formos pr'ó MANÊTA,  
Levaremos um BARRIL;  
Diremos Adeus à CARLÊTA,  
E ao SÃO PEREIRA do funil.

Anda mesmo ALACADINHO,  
Um que é MANÉ DO HARMONIO;  
Pr'a cantar bem, o COUSINHO,  
Que pr'as môças é um demonio.

Vi nas Flôres que é uma Ilha,  
Um cravo AMARELINHO;  
Dei o cravo à minha filha,  
Que namora o CHARLOTINHO.

Teve o MARQUÊZ uma granja,  
Qu'ao ALDEÁGA, barata vendeu;  
Quis comprar-lh'a o MARMANJA,  
Foi quanto o outro perdeu.

De mil e trezentos talhéres,  
Houve em Lisboa um banquête;  
Mas não foram lá mulheres,  
Nem se ouviu um só foguete.

Foi, na verdade, colossal,  
Ficou o povo embasbacado;  
Parece estar mais que provado,  
Não haver femeas em Portugal.

Tambem foram dadas esmolos,  
A muitos pobres e mendigos;  
Foram abertas muitas escolas,  
São precisos mais amigos.

Molha-se a véla quando ha bom vento,  
É antigo este adagio;  
Mas, se chega a haver naufragio,  
Vae-se tudo n'um momento.

Poderá pescar-se sem bóia?  
Gostava de saber isso;  
Talvez o saiba a CALATROIA,  
Ou, então o CARRAPIÇO.

Conheci um CEBOLINHA,  
Que, comigo, andou à escola;  
Ha certa creaturinha,  
Só, não podendo, e que não esfola.

Nunca vi na minha vida,  
Um sangue azul tão faladinho;  
Está bem spanhada a partida,  
Só conheço um qu' é VERMELHINHO.

Quem terá um tal condão,  
Em que não poss' acreditar?  
É de todos, não ha excepção,  
Vão a outros intrujar.

Se assim fosse, oh meus meninos,  
Que seria dos que são grosseiros?  
Seriam poucos os homens finos,  
E todos os mais, os seus rafeiros.

Tirae lá, pois, o cavallo da chuva,  
Oh vós que assim pensaes;  
Todos gostamos do sumo d' uva,  
Todos no mundo somos eguais.

Só ha, apenas, a tal diferença,  
Que na folha atraz dito fica;  
Mas é sempre a mesma, a recompensa,  
Porque quem morre também estica.

Sou da morte apologista,  
Julg'a vida uma patranha;  
E so não cheguei a fadista  
Porque nunca soube o qu'era manha.

Vou envergar a SAMÁRRA,  
Pois o calor não é nenhum;  
Ha pouca uva e muita parre,  
Mas, CINES E SEIS, ha so um.

Não m'esquecem o 2 metros,  
De que adeante vos vou fallar;  
E se um dia tiver sezões,  
No outro Mundo m'irei curar.

Recebereis noticias minhas,  
Contar-vos-ei como é aquillo;  
Entreter-me-ei a ler CAMILLO,  
Lá não são precisos mézinhas.

Já poucos alcunhas eu acho  
Julgo-os quasi acabados;  
Já se acabaram os figos  
Estão a chegar os bons cachos.

Está a Patria defendida,  
Podemos estar descansados;  
Porqu'ella não se dê por ofendida,  
Nem que a partam aos bocados.

Por isso, é pr'a frente, oh Portugueses,  
Nada tenhaes a recear;  
Fazei por produzir e poupar,  
Pr'a comer de borla sempre ha freguezes.

Não está bem, isto; é mais que certo,  
O que s' está vendo n' este Paiz;  
Não é preciso ser espérto,  
Pr'a acreditar no que se diz.

Mas...eu não percebo nada d'isto,  
Vê-se o povo sempre contente;  
Daría em tonta tanta gente?  
Seja tudo pelas Chagas de Cristo .

Já s'está sentindo o mal,  
Parece que o adivinhava o CHARAMBA;  
Vae haver fome em Portugal,  
Morra o homem e fique a fama.

Houve, em tempos, o ZÉ DO CASACO,  
Que se pelava por CHÁ-FINO;  
Dava este grande cavaco  
Ria-se d'ambos o ZÉ MENINO.

Quando, um dia isto mudar,  
E oxalá seja depressa,  
Quem virá a tocar a peça,  
Quando a guerra, um dia, acabar?

Ou talvez pensem n' algum trôno,  
Pr'a servirem de beleguim;  
Porventura a algum môno,  
Que a tudo diga que sim.

Desapareceram os meios tostões,  
Está o cobre quasi acabado;  
Recebi agora dois melões,  
O melhor é o calado.

Oh vós que tendes filhas  
A quem desejaes um bom marido,  
Consultae um tal GANILHAS,  
Que n' esse assumpto é entendido.

E se este não conviér,  
Não é preciso ir á Certã;  
Ha muito solteiro a querer mulher  
Fallem n'isso ao Fátã.

O CALÇA e o MENDÓLA,  
Ambos jogam bem o páu;  
Foi mestre d'ambos o SCARUMBA,  
Nada aprendeu o CARAPAU.

Vende ovos uma "IMPLICA",  
E bem caros por signal;  
Ha boa pinga no Benfica,  
E pedra azul no Carvalhal.

Ha MALEITAS em Almeirim,  
Que é villa e não ALDEIA;  
Ha em Niza um BANDOLIM,  
E no Tejo boa lampreia.

Ha tambem o ROUCO D'ALTER,  
O CHALINCAS e o LAPATANAS;  
Ha um MARUJO sem mulher,  
Mas não ha peixe sem barbatanas.

Já a alguns se vae o sônno,  
Levando, em claro, muita noite;  
Contando com mudar de dono,  
E tambem com algum açoite.

Como estamos em ditadura,  
Toda a cautela será pouca;  
Por causa de não haver fartura,  
Muita gente vae dar em louca.

Perseguido-me a tentação,  
Que, do déuco, me parece;  
Mais umas trêtas ahi vão,  
Que o autor d'isto vos of'rece.

Acabae com a lei de funil,  
Pois é de Lei, sermos todos eguaes;  
Fiz 67 anos em Abril,  
Se morrer est' ano, não faço mais.

Foi ou vae, a lavoira, à Iria, rezar,  
 Ao Deus do Céu, dar suas Graças;  
 Pelas chuvas que lhe mandou,  
 Mas... veiu, o suão, tudo mudou,  
 Ahi temos novas desgraças,  
 Porque a terra já secou.  
 Vae acabar agora nas nóras,  
 Virão os fructos fora d' horas,  
 Mas... como a lavoira lá foi, ou vae,  
 Será outra, agora, a oração,  
 E não: oh escolas semeae.  
 Que dá d' agora é bem diferente,  
 Mas... como é dita por outra gente,  
 Melhor e mais fructo é d' aparecer.  
 Pois é lema da Nação  
 O produzir e o poupar.

Mas, se alguém, a lei não acatar,  
 As contas com alguém ha-de ajustar;  
 Será castigado a cacête,  
 E não irá a outro banquête.

Tenhamos pois, a sacra fé,  
 E não haja, n' isto, illusão;  
 De que pr'a bem de todos, isto é,  
 Tambem o sendo.

" A BEM DA NAÇÃO "

N.B. :- Só escreve estas pacécias e alcunhas,  
 Quem pr' a isto tiver unhas.

E

Pr'a que não me chamem malcreado,  
 A todos digo: Muito obrigado,

- T R O C A D I L H O S -

Chama-s'agora papo-sêco,  
Ao que d' antes era pinoca;  
Ao grande roubo, desvio,  
A certo vërme, minhóca.

Chama-se ao chipre, chamiço,  
Ao riscado, chamam cotim;  
Ter namorado é ter derraço,  
Bota pequena é botim.

Sôpa de sangue é cachôla,  
Outros lhe chamam sarrabulho;  
O professor é mestre escôla,  
Grainha da uva é bagulho.

O vaso da cama é penico,  
É atabefe o zambana;  
A um côco chama-se quico,  
À velha ovelha, badana.

Aos óculos se chama cangalhas,  
Também se chama ao burro, gerico;  
Miólos de pão são migalhas,  
Também é abano, o abanico.

Proceder bem é ser nobre,  
É intrujão o vigarista;  
Finge de rico quem é pobre,  
Usar melenas é ser fadista.

A um cântaro se chama pôte,  
Chama-se à bilha, cantarinha;  
Ao pingalim se chama chicôte,  
Quem dá chucha, dá maminha.

Por bom vinho se paga a morraça,  
É a escôva igual à pëta;  
É pão fino a carcaça,  
E espingarda a escopëta.

Postiço cabêllo é chinó,  
É a lësma um caracól;  
Onde há poeira é certo o pó;  
É guarda-chuva o guarda-sol.

Quem tem orgulho, tem vaidade,  
Quem faz vërsos é poeta;  
Não é mentira a verdade,  
Cura-se o mal com diëta.

É sombrëro qualquer chapéu,  
É bom paio o salpicão;  
Só há estrelhas no Céu,  
Quando troveja há trovão.

Toda a rosa é uma flôr,  
Qualquer d' el'as tem seu botão;  
Com seu cheiro, com sua cõr,  
Chama-se paé a quem dá pão.

Não há luar sem haver lua,  
Nunca faltou a água no mar;  
É ao arado ou à charrúa,  
Que se prendem os bois pr'a lavrar.

Já não há pintos nem cruzados,  
Valem 1.000 réis, um escudo;  
E pr'a mal dos nossos pecados,  
Vãe levar o diabo a isto tudo.

Ao cordeiro se chama borrëgo,  
Ao chibo, cabrito se chama;  
Vive em paz quem tem soçëgo,  
Dorme à vontade quem ganhou fama.

O casamento é matrimônio,  
A morte, descanso eterno;  
A mulher, vivo demônio,  
Pr'ó homem é sempre inferno.

Toda a bôla é redonda,  
Só está vivo quem não morreu;  
A vega do mar é uma onda,  
Quem é sovina, nunca deu.

Chama-se à bolêta, bolôta,  
A certa couve, repôlho;  
Pescada pequena é marmota,  
É qualquer fecho um ferrolho.

A fêmea do macho, é mula,  
Do gallo é fêmea a galxinha;  
Quem comê de mais tem gula,  
Chama-s' ao muge, tainha.

Grande arca é um arcãz,  
Bofetão é lamparina;  
Ser fiel é ser capãz,  
Moça nova é ser menina.

Anda sempre ao desafio,  
A sorte com o azar;  
A respeito de falar...nem pio,  
Que pode ouviro...

Decifrem lá, agora, esta charada,  
"Vem do mar-anda com sorte";  
Vejam bem, não custa nada,  
É solteiro-não tem consorte.

Chamam à água, às vezes, búa,  
Às crianças desmamadas;  
Por andarem sempre na rua,  
São algumas, atropeladas.

A cópia se chama traslado,  
Ao xarope- guloseima;  
Burro inteiro não é capado,  
Quem dá mel, dá manteiga.

Carne ruim é chanfana,  
Tem 2 caras, certo feijão;  
Ter vontade e ter gana,  
Quem intruja é aldrabão.

Cesto grande é canastrão,  
É o pequeno uma canastra;  
Ser gatuno é ser ladrão,  
Quem é mãe não é madrasta.

Mulher de todos é rameira,  
Quando é rica, é barregã;  
A verdade é: pepineira,  
Jé de cortiça se faz lã.

Ao licenciado se chama doutor,  
À ruim bêsta - pilêca;  
Chama-s'ao tôle impostor,  
E à jaquêta - jalêca.

Chama-se divã ao sofá, *canapé*  
Também se lhe chama cama-pé;  
Paê, em Francez é Papá,  
E também em Portugal, pois não é?

O sonço do dia é sêsta,  
Comer à noite é cear;  
Ir à romaria é ir à festa,  
Correr mundo é viajar.

Quem reza, faz oração,  
Seja devoto ou não seja;  
Há pessoas que vão à igreja,  
Fingindo ser o que não são.

A moça pobre é cachopa,  
A rica se chama menina;  
O balandreu é uma opa,  
E a sotaina é batina.

Quem leito tem, tem cama,  
É a comida iguaria;  
Da reputação é feita a fama,  
Quantas vezes, por ironia!!!

Mulher honrada é donzela,  
Se anda a servir é criada;  
A fêmea do cão é cadelã,  
Quem é pobre não tem nada.

É o amor uma cobiça,  
A bebedeira uma perua;  
Tem o indolente preguiça,  
Andar plácha (em Niza) é andar nua.

É macho da cabra, o bôde,  
Do pardal é fêmea a pardoca;  
Nem todo o buço é bigode  
É abrigo dos barcos, a dôca.

Moça bonita é... bôa lasca,  
É caixa de rufo, o tambor;  
Só bebe na taberna ou na tasca,  
Quem não tem raça de pudor.

Fazer brindes, é saudar,  
Manjar se chama ao comer;  
Ter filhos é procrêar,  
Levar má vida, é sofrer.

Papel grosso é papelão,  
Muda o boi, de nome, no talho;  
Vem do lêste o vento suão, *2000*  
Cura-se o reumatismo com alho.

A escrever espalharei por toda a parte,  
As fracas saudades que levo do mundo;  
Falte-me, porém, o engenho e arte,  
Sinto-me quase um moribundo.

Falta-me a sublime inspiração,  
Pr'a continuar a versejar;  
Foi a minha maior ambição,  
Está-se m'a licença a acabar.

Como disse, não levo saudades,  
De tão triste e penoso viver;  
Em se chegando a estas edades,  
Só se pensa em morrer.

Quem não sabe, por certo, ignora,  
O que diz a escriptura;  
Pois fiquem lá sabendo agora,  
Vaé acabar, pr'a alguns, a fartura.

O que não está cozido, está cru,  
Se entrou o bispo, está esturrado;  
Ha'quem trate seu paé por tu,  
Chama-se a isto, ser bem creído.

Só se molha quem anda à chuva,  
Com água fresca se mata a sede;  
Faz-se o bom vinho, da boa uva,  
Muito peixe s' apanha à rede.

Quantas vezes se diz que sim,  
Quando se devia dizer que não;  
Não vale a pena fazer chinfrim,  
Embora se tenha razão.

A mulher velha se chama coiro,  
A nova é bonita, um peixão;  
Nem tudo o que luz é oiro,  
Assim o diz um velho rifão.

A creáda em Coimbra é servente,  
Em Lisboa, mulher a dias;  
Tenho ouvido a muita gente,  
As eirós chamar enguias.

O irmão de teu Paé é teu Tio,  
O da tua mulher é teu cunhado;  
Muita gente cheira a bafio,  
E muita mais a abafado.

Dizem que a vida é um fio,  
Que em se partindo, fica quebrado;  
Não receio um desafio,  
Em morrendo estou descansado.

Quem tem frio não tem calor,  
Quem se molha fica molhado;  
Quem se casa por amor,  
Toda a vida anda enganado.

Rouxinol de noite canta,  
Já eu cantei, também, de dia;  
Quem canta seus males espanta,  
Em caloteiros ninguém se fia.

Vêm-se estrelas ao meio-dia,  
Quando a tal hora se tira um dente;  
Só faz mal a água fria,  
A quem não gosta d' aguardente.

Ouvi conter ao luar,  
Em noite de lua cheia;  
Que, quem se deita sem cear,  
Toda a noite rabeia.

Metade da gente quer ter "Dom",  
A outra metade - Senhora;  
Anda de restos a Excelência,  
Tudo isto é fantasia.

Coalça-se o leite com cardo,  
Tambem se faz isso com fermento;  
Pr' alguns a vida é pagode,  
Pr'a outros, grande tormento.

Não se faz meia sem agulhas,  
Nem com cêsto s' apanha água;  
Há pr' aji tanto pulha !!!  
Que nos causa nojo e mágoa.

De trapos se faz o papel,  
De fios a cõrda é feita;  
Mas só a abelha faz o mël,  
E à sezão se chama maleita.

Ao tamanco se chama tairõca,  
Ao grande sapato, falúa;  
A pandega - rapiõca,  
Aprende-se de tudo na rúa.

Ja lá vão 2 borrachas,  
De tanto emendar o qu'escrevo;  
Como tudo paguei e nada devo,  
Entretenho-me com estas larãchas.

Houve em Portalegre Exposição,  
De muita coisa bonita;  
Só faltou o Canto-chão,  
Esqueceram-se d'esta fita.

Muita lã, muita rendinha,  
E ainda muitos e lindos bordados;  
Foi, de Nida, a cantarinha,  
E até foram os corcovados.

Bem haja quem tanto trabalha,  
Pr'a mostrar a todos quanto valze;  
Faz-se tudo e ninguém ralha,  
N' este lindo Portugal.

Sempr' assim foi este Paí, /  
Nunca se olha a misérias;  
Bem o sabe quem o não diz,  
Produzir e Poupar - são tudo lérias.

Quando há lua não faz sol,  
 Julgo que não é novidade;  
 Mas sim, mais uma verdade,  
 Que vai já pr'a este ról.

Há milhãnos pl'as ribeiras,  
 E passarinhos de varias cōres;  
 Têm-se visto grandes asneiras,  
 Por causa de certos amōres.

Não gosto de garfos de ferro,  
 Nem de facas de cabo d' osso;  
 E se m' apertarem o pescoço,  
 Não poderei dar um berro.

Quem manda a um sapateiro,  
 Tocar rabeção, sem ter ouvido?  
 D' onde viria tanto dinheiro,  
 Qu' está sendo distribuido?

Lá vaé a última, finalmente,  
 E com el'a finda tudo;  
 Guardem isto pr'ó Entrudo,  
 E Deus dê sorte a tanta gente.

Uma verdade vos vou dizer,  
 E com ela irei findar;  
 Este é o conto da casa vermelha,  
 Qu'em pequeno ouvi contar.

Ainda que vivesse eternamente,  
 Muito ficaria por dizer;  
 Pr'a não dar, pois, em demente,  
 Estar calado, é meu dever.

Muita água tem o mar, /  
 Muita areia, na terra ha;  
 Quando alguém se quer chamar,  
 É moda, agora, dizer: eh Pá !!!

Faltam-me não sei quantas, agora,  
 Pr' outras quadras completar;  
 Mas como chegou a minha hora,  
 Não me posso demorar.

N.B.

Se mais trocadilhos alguém quiser,  
 Pōde pedi-los em um postal;  
 Porque, haja lá o que houver,  
 E apesar de eu não ter defêsa,  
 Eu não deixo Portugal,  
 Nem a Republica Portugueza,  
 E ainda que viesse a Monarquia,  
 E houvesse pancadaria,  
 Nunca, Portugal, eu deixaria.